

SOBRE PROJETOS FRACASSADOS: EOIN O'DUFFY, O FASCISMO IRLANDÊS E AS GUERRA FASCISTAS, 1933-1945

ON FAILED PROJECTS: EOIN O'DUFFY, IRISH FASCISM AND THE FASCIST WARS, 1933-1945

João Fábio Bertonha¹

RESUMO: O presente artigo tem como objeto a trajetória do fascismo irlandês e do seu líder, Eoin O'Duffy, nos anos 1930, com destaque para a sua participação, efetiva ou em projeto, em três das guerras fascistas (Etiópia, Espanha e Segunda Guerra Mundial) entre 1935 e 1945. O foco maior é discutir as relações entre conservadores e fascistas no período entre as duas guerras mundiais e como elas foram fundamentais para explicar a conquista do poder pelo fascismo ou sua derrota. A proposta de regenerar um projeto político fracassado pela participação em guerras externas, colocada em prática, ainda que sem sucesso, por vários fascismos também será destacado.

PALAVRAS-CHAVE: Irlanda; O'Duffy; fascismo; Guerra da Etiópia; Guerra Civil Espanhola

ABSTRACT: This article focuses on the trajectory of Irish fascism and its leader, Eoin O'Duffy, in the 1930s, with an emphasis on their participation, effective or projected, in three of the fascist wars (Ethiopia, Spain and the Second World War) between 1935 and 1945. The main focus is to discuss the relations between conservatives and fascists in the period between the two world wars and how they were instrumental in explaining the conquest of power by fascism or its defeat. The proposal to regenerate a political project failed by participation in external wars, put into practice, albeit unsuccessfully, by several fascisms will also be highlighted.

KEYWORDS: Ireland, O'Duffy; fascism; Ethiopian War; Spanish Civil War

* O autor gostaria de agradecer a *Fundação Araucária* de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA) e a PPG-UEM pelo apoio financeiro que permitiu a pesquisa em fontes primárias e bibliográficas em Dublin no final de 2022, a qual foi essencial para a redação do presente texto.

¹ Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá e pesquisador do CNPq. fabiobertonha@gmail.com.

Introdução

Nos estudos sobre o fascismo no seu período clássico, nos entreguerras, o caso irlandês é tradicionalmente visto como periférico ou até mesmo como caricatural. Afinal de contas, ele durou, em suas várias denominações e formas, apenas uns poucos anos e nunca esteve perto de conquistar o poder; suas marchas e desfiles parecem anacrônicos e até fora de lugar, dado o histórico democrático do Estado irlandês. Seu principal líder, Eoin O'Duffy (1890-1944), também é recordado na Irlanda com um misto de desprezo e até deboche, como se fosse uma manifestação de algo, o fascismo, que não teve e nem poderia ter lugar na história da Irlanda.

Essa é, obviamente, uma afirmação que não se sustenta: o fato de o fascismo não ter se desenvolvido na Irlanda não significa que a sua trajetória estava definida desde o início. Para o historiador, o possível de ser feito é identificar os elementos que levaram o fascismo irlandês ao fracasso (no sentido de se desenvolver como movimento de massas e, no limite, conquistar o Estado) e como ele procurou enfrentar e dar conta das dificuldades a ele impostas pelo contexto.

Nesse sentido, estudar o fascismo irlandês é relevante por permitir que dois temas comuns ao universo fascista dos anos 1930 sejam discutidos em profundidade: a relação com os conservadores e a participação em aventuras externas, via voluntariado, como forma de relançar politicamente um movimento em crise. São essas questões comuns a praticamente todos os movimentos e partidos fascistas, mas, no caso irlandês, elas são especialmente relevantes. O estudo do fascismo irlandês pode, portanto, iluminar questões maiores a respeito do universo fascista no seu período clássico e mesmo nos dias de hoje.

O fascismo na Irlanda

Em 9 de fevereiro de 1932, foi fundada em Dublin, por iniciativa de Ned Cronin, a *Army Comrades Association* (ACA), com o objetivo inicial de

proteger as atividades do partido conservador *Cumann na nGaedheal* contra o IRA. Em março do ano seguinte, seus militantes começaram a utilizar camisas azuis, pelo que ficaram conhecidos como *Blueshirts*. Em julho, o comandante da polícia Eoin O’Duffy, herói da guerra pela independência da Irlanda e no cargo desde 1923, foi demitido por insubordinação pelo primeiro-ministro Éamon de Valera e recebeu o convite para liderar a ACA. Tendo aceitado o convite, ele a rebatizou de *National Guard* e reforçou a sua identidade fascista, adotando a estética do fascismo italiano e alguns de seus princípios ideológicos, como o corporativismo.

Em agosto de 1933, o movimento planejou uma grande marcha em Dublin, a qual seria, segundo o governo de Valera, uma tentativa de replicar a Marcha sobre Roma, de Mussolini (Fisk 1983, 426). Ela acabou não acontecendo, mas o governo, mesmo assim, proibiu a *National Guard* de funcionar. Como resposta, dois partidos conservadores – o *Cumann na nGaedheal* e o *National Centre Party* – se uniram a *National Guard* para formar um novo partido, o *Fine Gael*, tendo O’Duffy como presidente. A proposta era acumular forças para derrotar o governo, futuramente, nas urnas. A *National Guard* foi rebatizada de *Young Ireland Association* e continuou a funcionar como força uniformizada do partido, ainda em suas camisas azuis.

Em meados de 1934, nas eleições gerais, *Fine Gael* sofreu uma grande derrota e os *Blueshirts* começaram uma trajetória descendente: o número de militantes declinou, assim como o prestígio de O’Duffy (Cullingford, 1981; McGarry, 1999, 2005). Em setembro, ele foi obrigado a deixar o partido, levando consigo uma parte dos *Blueshirts*. A maior parte, contudo, continuou dentro do *Fine Gael*, sob o comando de Ned Cronin, até outubro de 1936, quando a *Young Ireland Association* foi formalmente extinta.

A partir de 1934, O’Duffy radicalizou a sua opção pelo fascismo, participando de encontros com lideranças fascistas na Europa (como será visto a seguir) e fundando, em junho de 1935, o *National Corporate Party*, abertamente fascista, incluindo a defesa da separação completa da Irlanda do Império Britânico (uma proposta não presente entre os *Blueshirts*) e a promoção

da língua e da cultura irlandesas. Seus membros utilizavam a camisa verde, pelo que ficaram conhecidos como *Greenshirts*. Em 1937, o partido, que nunca teve muita expressão popular, já havia cessado de desistir e O'Duffy permaneceu isolado e sem força política até seu falecimento, em 1944.

Fascistas e conservadores: a dinâmica irlandesa

A historiografia irlandesa tem estudado a trajetória do fascismo irlandês a partir de alguns questionamentos básicos: o que ele representou na história política nacional, o que ele tinha de nacional e vindo de influência externa e, por fim, se os camisas verdes e azuis podiam ser classificados como fascistas. Esses são questionamentos comuns à maioria das historiografias nacionais sobre o fascismo: seja no Brasil, na Argentina, na Espanha ou na Romênia, os historiadores que estudam os fascismos nacionais estão sempre a buscar respostas para estas questões. O simples fato de essas serem as perguntas padrão, aliás, deveria ser explorado com mais cuidado pelos historiadores, pois não pode ser coincidência que os mesmos questionamentos se repitam, nos mais variados países e continentes. Como será explorado posteriormente, a dificuldade em separar fascistas e conservadores naquele momento é, provavelmente, um elemento central para explicar as confusões entre os grupos (com a consequente elaboração de perguntas semelhantes) em tantos contextos diferentes.

De qualquer modo, na historiografia irlandesa o debate sobre se podemos considerar esses grupos como fascistas é intensa e reflete tanto as posições ideológicas e teóricas dos historiadores como as necessidades políticas de grupos e partidos. Há pouca discordância sobre o fato que Eoin O'Duffy e seus *Greenshirts* eram fascistas, mas a avaliação sobre os *Blueshirts* é muito mais controversa. A grande dúvida é se eles eram uma manifestação do conservadorismo católico, ou de tensões remanescentes da guerra civil irlandesa do início dos anos 1920 (Garvin, 1996, p. 22), com os aparatos exteriores fascistas ou fascistas propriamente ditos, com tons católicos apenas para aumentar a sua base de apoio.

Alguns historiadores classificam os camisas azuis simplesmente como fascistas, como é o caso de (McLoughlin; O'Connor, 2020, p. 10). Outros analistas - como Manning (2006), Martínez Villegas (2013), Douglas (2009) e Cronin (1997) - argumentam que os camisas azuis estavam mais próximos de movimentos como os *Croix-de-Feu* francês ou de regimes como o de Salazar e de Dollfuss do que do fascismo italiano, ainda que tivessem copiado algumas exterioridades, como a saudação romana e os uniformes. Outros historiadores, como Fearghal McGarry (2005), identificam o fascismo na cúpula do movimento dos camisas azuis, especialmente em O'Duffy, mas afirmam que ele como um todo, provavelmente, não o era. Até o corporativismo defendido pelo movimento seria mais de base católica do que fascista, ainda que o de O'Duffy fosse mais explicitamente laico e fascista (O'Duffy, 1934a, b, c),

Alguns autores mencionam a base social dos camisas azuis – os agricultores prejudicados pela guerra econômica lançada por De Valera contra a Grã-Bretanha – como evidência de que a sua existência estava mais ligada a questões irlandesas do que ao problema do fascismo (Bew; Hazelkorn; Patterson, 1989, p. 48-72). Outros chegam a afirmar que, para o militante médio, o fascismo era uma ideologia distante e que eles mal compreendiam e que o catolicismo era a cola ideológica que mantinha o movimento unido (Lee, 1989, p. 181, Cronin, 1997). Ou, ainda, que a própria ritualística do movimento tinha mais a ver com as tradições esportivas e folclóricas irlandesas do que com o fascismo italiano ou alemão (Cronin, 1994, 1997). O próprio Mike Cronin (1997) também argumenta que foram o IRA, o Labour Party e o governo de *Fianna Fáil* que teriam insistido que eles eram fascistas, de forma a anular as críticas ao governo de De Valera e reforçar a sua liderança.

Tais afirmações ignoram o fato que todos os fascistas que conseguiram apoio popular no mundo o fizeram articulando questões globais com as nacionais ou regionais e como a Irlanda estava ligada ao continente europeu e ao resto do planeta: em uma década em que o fascismo se expandia em quase toda a Europa e nas Américas, seria no mínimo estranho que não houvesse alguma repercussão dessa expansão na Irlanda. Do mesmo modo, se é verdade

que a esquerda provavelmente reforçou a ideia de os camisas azuis serem fascistas por uma agenda própria, isso não significa, automaticamente, que eles estavam errados.

Ao final, a motivação para boa parte dessa discussão gira ao redor das heranças políticas deixadas pelos camisas azuis. Para o conservadorismo irlandês, que se aliou a eles por um tempo, era interessante que eles não fossem identificados com o fascismo e até hoje *Fine Gael*, que continua existindo, hesita em assumir a herança dos *Blueshirts* e de O'Duffy.² Já para a esquerda irlandesa, ressaltar essa identificação era fundamental, até para poder atacar os conservadores. Do mesmo modo, sugerir que a luta entre os camisas azuis e o IRA naqueles anos era mais uma manifestação tardia da guerra civil irlandesa e que ela não deveria ser avaliada segundo o prisma fascismo vs. antifascismo é uma forma de separar o contexto irlandês do resto da Europa e reforçar o caráter democrático do país.

De qualquer forma, a própria evolução dos acontecimentos facilita a resposta à questão. Com efeito, um fato fundamental para entendermos a gênese dos *Blueshirts* é que a maior parte deles optou por permanecer nos meios conservadores quando esses decidiram que a aliança com o fascismo era contraproducente e mesmo perigosa e os expurgaram. Dessa forma, aqueles que ficaram, sob a liderança de Ned Cronin, no *Fine Gael*, estavam, provavelmente, mais perto do catolicismo conservador do que do fascismo, enquanto os fascistas, minoritários, foram os que deixaram o partido sob o comando de O'Duffy e alteraram a cor de suas camisas de azul para verde. A maioria dos camisas azuis, portanto, era, portanto, mais conservadora do que fascista.

O campo conservador irlandês, na verdade, era simpático à Itália de Mussolini e essa simpatia vinha desde a década de 1920. Entre 1929 e 1932, grupos dentro do partido *Cumann na nGaedheal* propuseram mesmo a criação de forças paramilitares nos moldes da milícia fascista. A proposta foi recusada,

2 Collins, Stephen. "Without the Blueshirts, there would have been no Fine Gael. Claiming continuity with Michael Collins helps Fine Gael forget its troubling origins". *The Irish Times*, 7/11/2020. Disponível em <https://www.irishtimes.com/culture/books/without-the-blueshirts-there-would-have-been-no-fine-gael-1.4399082>. Acesso em 7/7/2023.

mas o seu idealizador, Ernest Blythe, não espantosamente, foi uma das pessoas chave no processo de fazer dos *Blueshirts* a força uniformizada de *Fine Gael* (Phelan, 2012, p. 140-160).

Essa simpatia geral continuou por toda a década de 1930: intelectuais mais ou menos próximos ao fascismo, como o próprio Blythe (Broderick, 2010; Donnelly, 2021), continuaram atuando no interior desse campo mesmo depois de 1934. A aproximação com o fascismo foi, contudo, como em tantos lugares, também instrumental. Os conservadores imaginavam que a ação direta e a violência dos *Blueshirts* poderiam trazer votos contra *Fianna Fáil* enquanto O’Duffy, segundo a maior parte dos historiadores, via na aliança com os conservadores uma forma de sobreviver à pressão do governo e aumentar seu poder. Quando ficou claro que essa aliança não traria os resultados esperados, para nenhum dos lados, ela foi rompida e os campos ficaram mais bem definidos.

Convém recordar, contudo, a dinâmica da política e o processo de hibridização entre fascistas e conservadores (Donnelly, 2021; Pinto; Kallis, 2014). Mike Cronin (1997), por exemplo, concluiu que os *Blueshirts* seriam parafascistas, ou seja, essencialmente conservadores com traços fascistas, mas que teriam potencial, conforme os acontecimentos, para evoluir para um verdadeiro movimento fascista. O termo “parafascista” é questionável, mas o tópico é de interesse, pois, caso os fascistas tivessem tido forças para conquistar *Fine Gael* por dentro, esse “parafascismo” poderia ter evoluído para o fascismo propriamente dito. A própria diplomacia italiana, ao avaliar os camisas azuis, percebeu que eles não eram propriamente fascistas, mas que tinham o potencial para caminharem nesse sentido, se as condições apropriadas se apresentassem, tanto que eles investiram em O’Duffy a partir de 1934 (Keogh, 1988, p. 44-48; Bibbò, 2021, p. 183).

Ainda mais adequada é a análise de Newsinger (2001), o qual avalia os *Blueshirts* não como parafascistas, mas como um fascismo que já havia superado o estágio embrionário e que só não se tornou um candidato sério ao poder porque os conservadores decidiram retirar o seu apoio. E tal retirada,

inclusive, só aconteceu não por divergências ideológicas insuperáveis, mas porque ficou evidente que a associação com os fascistas não os levaria ao poder. Teriam sido os conservadores os que alimentaram o fascismo irlandês e, ao final, o deixaram morrer.

De qualquer forma, minha hipótese é que o plano de O'Duffy ao aceitar fazer parte de *Fine Gael* não era apenas se proteger da repressão do governo de De Valera, mas também seguir o modelo hitleriano: chegada ao poder através de uma aliança com os conservadores para depois hegemonizá-los. Em meados de 1934, contudo, era evidente que esse projeto havia fracassado pela retirada do apoio conservador. A partir daí, O'Duffy e o *National Corporate Party* tiveram que procurar alternativas se queriam crescer politicamente e a principal aposta foi o reforço dos vínculos com o fascismo internacional, especialmente através do voluntariado nas guerras fascistas.

Eoin O'Duffy, o *National Corporate Party* e as guerras fascistas

É fato consensual na historiografia irlandesa, como já indicado, que Eoin O'Duffy e seu grupo eram fascistas e tal identificação só aumentou a partir do seu distanciamento de *Fine Gael* e da criação do *National Corporate Party*, em junho de 1935.

O *National Corporate Party* nunca foi, na verdade, tão insignificante como se afirmou posteriormente, mas dificilmente poderíamos considerá-lo um sucesso. Martin White (2004, p. 76) calculou que os *Blueshirts*, que teriam atingido um pico de 48 mil membros em agosto de 1934, foram progressivamente diminuindo de número até chegarem a uns 9 mil em meados de 1935. Desses, apenas 4.800 teriam acompanhado O'Duffy para seu novo movimento, se tornando camisas verdes. O partido, na verdade, só conseguia projeção dentro da Irlanda quando se relacionava com o fascismo internacional, o que gerava manchetes e debates.

Já em 1934, os laços de O'Duffy com o fascismo mundial se adensaram. Ele frequentou, em dezembro de 1934, a reunião da *International Action of Nationalisms*, patrocinada pelo regime nazista, em Zurique e a de Montreux,

promovida pelos *Comitati d'Azione per l'Universalità di Roma* (CAUR), órgão fascista encarregado dos contatos com os fascismos do exterior (Cuzzi 2005). O CAUR, aliás, tinha enviado representantes à Irlanda para estudar o fascismo irlandês no mesmo ano, tendo os mesmos avaliado positivamente o movimento de O'Duffy (Bibbò 2021, 183-194). Ele também visitou novamente Mussolini no início de 1935 - a primeira visita tinha acontecido em 1928, quando ele ainda era chefe de polícia e não parece ter sido muito amigável - (Phelan, 2012, p. 174-175) -, no que era quase um pré-requisito simbólico, naqueles anos, para ser aceito no panteão do fascismo internacional. Foi também capaz de obter alguns favores pessoais do regime, como quando conseguiu que o filho de um companheiro do CNP fosse aceito na *Regia Aeronautica Italiana*.

Esse talvez fosse um caso que merecesse maior investigação. Barry Cagney era filho do dr. Patrick Cagney, morador de Cork, camisa azul e depois militante do *National Corporate Party*. Seu irmão era Michael Cagney, líder da juventude *Blueshirt* em Cork e que teria sido voluntário na Guerra Civil Espanhola e sua irmã Eileen Cagney trabalhava com *au pere* em Roma. Barry Cagney teria se oferecido como voluntário para lutar pela Itália na Guerra da Etiópia, mas foi recusado por ser estrangeiro. A pedido do cônsul italiano em Dublin e de O'Duffy, contudo, ele teria sido aceito na Academia da *Regia Aeronautica* em Caserta, havendo sinais de que ele completou o treinamento como piloto na mesma. O'Duffy se orgulhava disso, tanto que escreveu a esposa do dr. Cagney em 1936 como "I hope to call in Rome some day and bring Barry to meet Mussolini himself". Valeria a pena investigar a trajetória dessa família e a sua ligação com a Itália fascista, até para evidenciar relações e contatos que iam além dos canais oficiais.³

As relações com Roma, contudo, não devem ser superestimadas. Em um momento em que o regime fascista oferecia financiamento a inúmeros grupos

³ National Library of Ireland (NLI), Eoin O'Duffy Papers, MS 46, 689, cartas de Eoin O'Duffy para Mr. e Mrs. Cagney, Cork, 20/11/1935 e 30/12/1936; "Irish Youth offer to Italy accepted by Duce". *Irish Independent*, 2/11/1936. Todas as citações da imprensa irlandesa foram extraídas do fundo National Library of Ireland, Irish Newspapers Articles. "Espero fazer uma visita a Roma algum dia e levar Barry para conhecer o próprio Mussolini". Todas as traduções são do autor".

fascistas espalhados pelo mundo, incluindo a *British Union of Fascists*, não há sinais de dinheiro italiano sendo enviado ao NCP (White, 2004, p. 95). O consulado italiano em Dublin doou 350 libras para a expedição de O'Duffy na Espanha, como veremos a seguir, mas foi um fato isolado. Dado o pragmatismo do regime fascista quando se tratava de apoiar grupos fascistas fora da Itália, esse é um sinal claro que Roma não via grandes perspectivas para o crescimento do *National Corporate Party*.

A relação com a BUF de Oswald Mosley é indicativa das mudanças e permanências na trajetória de O'Duffy. Enquanto associado à *Fine Gael*, ele defendeu a permanência da Irlanda no Império Britânico, o que permitiu um diálogo, ainda que tenso - dada a proeminência da questão irlandesa para os fascistas britânicos (Douglas, 1997) - com eles. Ele chegou mesmo a tentar, sem sucesso, se aliar aos fascistas do Ulster, que queriam unir as duas Irlandas em um grande Estado fascista associado ao Império Britânico (Longhlin, 1995). Com o tempo, contudo, a sua posição passou a ser a de defesa da independência irlandesa, o que o afastou ainda mais da BUF (Cronin, 1997, p. 193-198; McGarry, 2005, p. 21-22; White, 2004, p. 31-50).⁴

O'Duffy tentou por várias vezes renovar e fortalecer seu movimento através da participação nas guerras fascistas. Sua primeira iniciativa nesse sentido foi durante a Guerra da Etiópia. Com a iminência da guerra na África, O'Duffy declarou ao jornal *Il Messaggero*, em 13 de setembro de 1935, que havia solicitado a autorização de Mussolini para que uma força de mil irlandeses lutasse na Etiópia, em oposição ao barbarismo, ao antifascismo e o materialismo ateu. Cinco dias depois, em uma entrevista ao jornal *Irish Times*, ele novamente reforçou a sua disposição para lutar em defesa de uma ordem corporativa e contra o marxismo e o capitalismo liberal (McMahon 2002, 2009).

⁴ Nos documentos pessoais de O'Duffy, há uma troca de cartas entre seu secretário Liam D. Walsh e Alexander Raven Thomson, da BUF, discutindo a relação da Irlanda com o Império e a questão da Irlanda do Norte. Ambos tentam manter a cordialidade e as pontes, pois ambos sonhariam com um futuro Estado corporativo. A tensão, contudo, é evidente, pois era impossível conciliar posições a favor e contra a permanência da Irlanda no Império e os termos da sua possível unificação. NLI, Eoin O'Duffy Papers, MS 48, 288/1-6, diversas cartas entre maio e junho de 1936.

A iniciativa foi mal vista pela esquerda irlandesa e mesmo pelos camisas azuis que continuavam em *Fine Gael*. Ned Cronin, por exemplo, foi enfático a respeito:

“He said it to be clearly understood that when they appealed to their young men and women to join the Blueshirts they did so in defense of the rights of the Irish people. We have no intention of allowing them to be used for any other purpose. I make mention to that because I know there are certain people in this country at present who are endeavoring to induce Blueshirts to involve themselves in a reckless and suicidal policy which is not or should not be any concern of this country.”⁵

O’Duffy, ao final, teve que se retratar, afirmando que:

“I am supposed to have offered 1.000 Blueshirts to fight for Italy, but I have done no such thing. Before I went to Geneva, I got applications from Blueshirts and other in different parts of the country for forms to fill in and to know if they would be able to enroll for service with Italy. I simply acknowledge these applications and there was no meeting of the National Executive since the question of war between Italy and Abyssinia arose. If I received one letter this morning about this matter, I received 100 because of the correspondence recently in the Press.”⁶

Como a questão etíope não envolvia a Irlanda e nem temas candentes do período, como o catolicismo e o comunismo, a repercussão da proposta de O’Duffy foi pequena e o logo foi esquecida (McMahon, 2002, 2009). A proposta, de qualquer forma, não teve boa acolhida em Roma, desejava de limitar o envolvimento estrangeiro na guerra (Bertonha 2013, 2014).

⁵ “Blueshirts and Italy. A Geneva Report”. *Irish Independent*, 14/9/1935. “Ele disse que é preciso entender claramente que, quando eles apelaram para que os jovens se juntassem aos Blueshirts, eles o fizeram em defesa dos direitos do povo irlandês. Não temos nenhuma intenção de permitir que eles sejam usados para qualquer outro fim. Faço essa menção porque sei que há certas pessoas neste país que estão se esforçando para induzir os Blueshirts a se envolverem em uma política imprudente e suicida que não é, ou não deveria ser, uma preocupação deste país”

⁶ “Blueshirts and Italy. Decision after next executive meeting”. *Connaught Telegraph*, 5/10/1935. Ver também “Blueshirts ‘offer’”. *Irish Examiner*, 20/9/1935 e “Deceived by British, *Irish Examiner*, 21/10/1935. “Supõe-se que eu tenha oferecido 1.000 Blueshirts para lutar pela Itália, mas não fiz nada disso. Antes de ir para Genebra, recebi pedidos de Blueshirts e de outros em diferentes partes do país por formulários a serem preenchidos e para saber se eles poderiam se inscrever para servir na Itália. Simplesmente acusei a recepção desses pedidos e não houve nenhuma reunião do Executivo Nacional desde que surgiu a questão da guerra entre a Itália e a Abissínia. Se recebi uma carta esta manhã sobre esse assunto, recebi 100 por causa da correspondência publicada recentemente na imprensa”.

Pouco tempo depois, O'Duffy conseguiu finalmente criar um corpo de voluntários para combate em uma guerra estrangeira: a Brigada Irlandesa que lutou na Guerra Civil Espanhola junto às forças franquistas. Já em 15 de agosto de 1936, ele fez declarações à imprensa pedindo voluntários para a defesa do catolicismo na Espanha e afirmando que a unidade teria 5 mil homens, incluindo uma unidade de cavalaria formada pelos irlandeses dos Estados Unidos (McGarry, 2005, p. 289-290).⁷ Ao final, uma unidade com cerca de 700 homens pôde ser organizada. Houve várias dificuldades de organização e financiamento, só superadas graças ao apoio financeiro dos católicos (O'Driscoll; Keogh, 2013), da Legação italiana em Dublin (O'Driscoll; Keogh, 2013, p. 158)⁸ e do governo alemão, que providenciou um navio de transporte (McGarry, 2005, p. 291-292), mas a unidade finalmente desembarcou na Espanha ao final de 1936. Com efetivos reais de um batalhão, se tornou a XV Bandera da Legião Espanhola.

É conhecido o fracasso, em todos os aspectos da unidade, cujos componentes eram indisciplinados e tinham escasso treinamento militar. Além disso, sendo um batalhão sem praticamente nenhum serviço de apoio, estava completamente dependente de outras forças espanholas para que pudesse funcionar, o que limitou grandemente a sua efetividade no campo de batalha. Para completar, O'Duffy revelou-se um comandante militar incapaz e com problemas de relacionamento tanto com seus oficiais como com os espanhóis (Whelan, 2019; McGarry, 2005; Keene, 2001; Othen, 2007; Stradling 1995, 1999). A XV Bandera participou das batalhas de Jarama e Guadalajara, mas com resultados pífios, sendo transferida para a frente de Madrid. A moral e a eficiência da unidade eram tão baixos que o comando espanhol decidiu pela sua dissolução em 13 de abril de 1937 e pelo seu repatriamento em julho de 1937.

⁷ Para o diário de O'Duffy na Espanha, que registra basicamente frivolidades, e para o contrato em que ele prometia a Franco 5 mil homens, ver NLI, Eoin O'Duffy Papers, MS 48, 292/2Diary of Eoin O'Duffy regarding his service as leader of the Irish Brigade in the Spanish Civil War, 13/11/1936 a 21/6/1937 e Typescript contract of agreement between General Francisco Franco and General Eoin O'Duffy, 28/11/1936.

⁸ Ver também Archivio Storico-Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri (ASDMAE), Affari Politici 1931-1945 (Irlanda), b. 3, f. "Irlanda 1937", sf. "Volontari irlandesi per la Spagna".

As motivações para o alistamento dos voluntários em si foram ideológicas, mas não necessariamente em defesa do fascismo. Segundo parte da historiografia (Othen, 2007, p. 151-152; Stradling, 1995, 1999, p. 26-31), muitos deles vinham de comunidades rurais e decidiram lutar na Espanha por anticomunismo e por considerarem que o catolicismo estava sob ameaça. Pensando em termos de militantes de base, isso é perfeitamente possível. No entanto, convém não exagerar essa interpretação, que identifica apenas no catolicismo genérico e em ideais de cruzada a motivação de O'Duffy e seus seguidores para seguir para a Espanha. Tais interpretações visam, acima de tudo, recuperar a sua memória em um viés positivo, como fazem vários herdeiros do franquismo (Togores, 2016). Afinal de contas, foi o CNP que organizou boa parte do sistema de voluntariado e militantes do partido dominavam o seu oficialato, além de estarem muito presentes na base da unidade (McGarry, 1999, 2001, 2005, p. 289-290).

As motivações de Eoin O'Duffy e da liderança do CNP para criar a unidade eram realmente complexas e combinavam afinidade ideológica e oportunismo político. O'Duffy e seus adeptos consideravam a luta na Espanha uma cruzada na qual todos os inimigos do comunismo deviam lutar. Sua motivação central, contudo, era, claramente, ter a chance de relançar um partido que estava em plena decadência (Bell, 1969, p. 169; McGarry, 1999, p. 25-26, 2001, 2005).

Tal o seu empenho em se relançar politicamente via brigada, aliás, que ele parece ter se preocupado muito pouco com a organização e o desempenho em combate desta, insistindo em colocar apenas seus homens no comando. Isso pode ter sido um fator explicativo para o desempenho pífio dessa em combate como foi como observado pelo voluntário britânico da *Legião Estrangeira Espanhola* Peter Kemp (1959, p. 111-113, Arias González, 2013). O'Duffy também teria confessado ao representante italiano na Irlanda que seu interesse central era o de relançar-se politicamente na Irlanda. Por isto, inclusive, teria desobedecido a ordens do comando espanhol, para não colocar em perigo excessivo os seus homens.

A iniciativa de O'Duffy provocou, na verdade, reações políticas. De um lado, estimulou o voluntariado irlandês para as Brigadas Internacionais: se o fascismo irlandês ia lutar na Espanha, o antifascismo deveria fazer o mesmo (O'Driscoll; Keogh, 2013). Claro que havia razões outras para o voluntariado antifascista (Stradling, 1999; McGarry, 2010; Castells, 1974, McLoughlin; O'Connor, 2020), mas a ação de O'Duffy pode ter colaborado para a participação irlandesa nas forças republicanas ter sido, proporcionalmente, tão expressiva. Também estimulou aqueles *Blueshirts* ainda dentro de Fine Gael, sob o comando de Ned Cronin, a promoverem uma legião alternativa para apoiar Franco. Tal iniciativa foi bloqueada por O'Duffy e seus assistentes, que mobilizaram as autoridades espanholas e portuguesas para tanto (Stradling, 1999, p. 41-42, McGarry, 2005, p. 284-287). Se o plano maior, contudo, era revitalizar o fascismo irlandês pela participação na Guerra Civil na Espanha, o resultado foi decepcionante.

Na propaganda do NCP e do próprio O'Duffy (1938), os legionários, defensores do catolicismo na Espanha, retornavam para casa triunfantes e ele desejava relançar-se politicamente com essa imagem. No entanto, a realidade de voluntários esgotados desembarcando em meio a uma multidão indiferente e a medida em que as notícias sobre os desastres na Espanha circulavam com mais força, essa perspectiva se tornava cada vez menos realista. Judith Keene (2001, p. 128-129) considera que a aventura espanhola foi benéfica para o movimento de O'Duffy, pois ela teria retardado a sua decadência política. Uma hipótese duvidosa, já que a irrelevância política de O'Duffy só cresceu na segunda metade dos anos 1930.

Se o objetivo de O'Duffy era dar nova energia ao seu partido, manter os soldados recém chegados mobilizados seria, com efeito, uma estratégia lógica. Ele criou uma associação, a *Irish Brigade Association*, para agregá-los já na sua volta, tendo como secretário Liam D. Walsh, que também era o secretário do CNP e assistente pessoal de O'Duffy. Mas suas atividades foram nulas ou quase.

Em 1937, Liam D. Walsh procurava apresentar a narrativa de que a brigada irlandesa não tinha tido relação com o NCP e nem com nenhum partido, mas que tinha sido simplesmente uma manifestação do catolicismo irlandês em defesa da fé. Ele até reproduzia frases de O’Duffy nesse sentido como quando esse teria afirmado, ainda na Espanha, como “We did not come here to further the interests of any political party, be it Fianna Fail, Fine Gael or the National Corporate Party”. Isso era tão pouco crível que as suas próprias declarações tinham sido feitas porque, nas missas e outras atividades em homenagem aos soldados que voltavam, eram os camisas azuis que estavam presentes, em massa.⁹ Walsh também tentava ressaltar como a *Irish Brigade Association* não tinha relações com o NCP, o que era também pouco realista, já que ele era o secretário geral de ambos.¹⁰

De qualquer forma, entre 1937 e 1938, a associação de veteranos se concentrou em tentar conseguir ajuda para eles e as famílias dos caídos em combate, que estariam em sérias dificuldades econômicas.¹¹ Em 1939, há alguns sinais de que O’Duffy e seus seguidores pretendiam utilizar a *Irish Brigade Association* como base para relançar-se politicamente, ainda que, publicamente, ele negasse isso.¹² A desmobilização, contudo, era tamanha que, quando O’Duffy faleceu, em 1944, apenas 21 deles teriam comparecido a seu enterro (Stradling, 1999, p. 119).

Talvez, contudo, a associação pudesse ter tido um potencial político maior caso O’Duffy tivesse se esforçado para tanto. Liam D. Walsh comentou que, em julho de 1937, marinheiros espanhóis, fiéis à República, teriam se recusado a ceder navios ancorados em Belfast e Derry para os nacionalistas e que O’Duffy teria enviado 100 ex-combatentes para ajudar a retomá-los (Stradling, 1999, p. 122-123).¹³ Esse fato poderia indicar que a associação tinha, no

⁹ “Irish Brigade in Spain”. *Irish Independent*, 7/4/1937.

¹⁰ “The Irish Brigade not yet on way home”. *Irish Independent*, 26/5/1937.

¹¹ “Irish Brigade Appeal”. *Irish Independent*, 12/12/1238; “Forgotten Men”. *Irish Independent*, 6/3/1939.

¹² “New Party in Irish politics”. *Dundalk Democrat*, 17/7/1939; “Traveler for trial”. *Irish Independent*, 3/3/1939; “Irish Brigade sends message to Hitler”. *Irish Independent*, 3/5/1939.

¹³ A origem da informação é um manuscrito de Liam D. Walsh disponível em NLI, Eoin O’Duffy Papers, MS 48, 290/12/1-16, p. 211.

mínimo, potencial para uma atuação mais efetiva desde que mobilizada e liderada a contento, mas, infelizmente, foi impossível confirmar se isso realmente aconteceu.

A pergunta que fica é porque O'Duffy não aproveitou o potencial dos veteranos para tentar recuperar seu espaço político. Havia questões operacionais e práticas que dificultavam uma articulação melhor, como disputas internas pelo poder e mesmo a falta de registros confiáveis para manter as conexões, já que Thomas Gunning, o responsável pelos registros na Espanha, não tinha feito o trabalho devido e teria até mesmo roubado passaportes e documentos (Stradling, 1999, p. 122-123). O fracasso militar da unidade irlandesa, também ajudou, com certeza, a diminuir o seu potencial como instrumento para a regeneração política do NCP e de O'Duffy. A saúde declinante desse último e a frustração pelo ocorrido na Espanha também foram fatores determinantes para explicar por que esse potencial não foi aproveitado a contento (McGarry, 2005, p. 316-320).

Mesmo assim, aqui e ali o tema reaparecia. Em maio de 1939, por exemplo, O'Duffy pediu ao cônsul italiano Vincenzo Berardis dinheiro para criar um novo partido, o qual uniria os fascistas irlandeses e membros do IRA, e uma nova milícia, a qual teria dez mil homens, veteranos da Espanha e militantes republicanos. O cônsul, obviamente, identificou nisso uma fantasia e não deu o apoio desejado (McGarry, 2005, p. 324-325). De qualquer forma o tema da mobilização dos ex-combatentes é um tema que mereceria mais atenção. Se a associação tivesse mantido vivo o espírito dos veteranos, talvez a oferta de O'Duffy de voluntários para a invasão da URSS em 1941 tivesse sido levada mais a sério.

Novamente, em 1941, a afinidade ideológica se combinou com um projeto de renovação política através do voluntariado. Destruir a União Soviética era um objetivo de toda a direita europeia (não apenas a fascista) naquele momento e participar de um empreendimento como esse era um canal excelente para se reposicionar favoravelmente dentro da Nova Ordem nazista.

A invasão da URSS estimulou inúmeros líderes e movimentos a ofertarem tropas aos nazistas e O'Duffy estava entre eles (McGarry, 1999, p. 17-47).

Ele já havia cultivado laços com os nazistas, como já indicado, e tais contatos haviam sido mantidos na segunda metade dos anos 1930. Nada mais natural que, em um momento em que o Terceiro Reich parecia ter vencido a guerra, as perspectivas de uma aliança tenham estimulado sonhos e projetos. Os alemães queriam mobilizar a seu favor o sentimento anti-britânico do IRA e de certos setores do governo irlandês e criar uma rede de espionagem e O'Duffy e seus seguidores, com destaque para Liam D. Walsh, esperavam recuperar o protagonismo que haviam perdido através desse apoio. Ele pode ter até sonhado com uma possível ocupação alemã da Irlanda na qual ele teria um papel proeminente, o que obviamente não se realizou (Fisk, 1983, p. 88-89; 162-166, Duggan, 1985, p. 60-61, Lochlainn, 2004, p. 203, Douglas, 2009, p. 70-91, Carter, 1977, p. 96-102, McGarry, 2005, p. 324-339).

O que nos interessa, especialmente, é a sua proposta, em 1941, de enviar uma Divisão Verde, formada por irlandeses, incluindo os veteranos da Espanha, para lutar na frente russa. Os alemães não viam como isso poderia se concretizar, mas estabeleceram conversações, até porque uma iniciativa como essa teria valor propagandístico. Ele chegou a sugerir à Embaixada alemã que os nazistas enviassem um avião à Irlanda para levá-lo a Berlim, de forma que ele pudesse começar a organizar a sua nova unidade (Fisk, 1983, p. 429, Carter, 1977, p. 171). Ao final, como seria de se esperar, a iniciativa não deu em nada e O'Duffy faleceu em 1944, encerrando seus esforços de participar em guerras estrangeiras como forma de atuar na política irlandesa.

Considerações finais

A relação entre os conservadores e os fascistas foi, na verdade, a chave para entendermos boa parte da dinâmica política da Europa e das Américas nos anos 1920 e 1930 e as relações entre eles não foram apenas de aliança ou distanciamento, mas também de influências mútuas e hibridização (Pinto; Kallis, 2014); na Irlanda não foi diferente (Donnelly, 2021, Cronin, 2007). O

corporativismo, por exemplo, era um tema geral que facilitava a circulação entre os dois polos. A sua versão católica não era equivalente à sua versão fascista, mas as proximidades eram suficientes para permitir trocas e diálogos.

Conservadores e fascistas, em geral, se aproximaram para garantir a ordem social e combater a esquerda, mas os termos dessa colaboração variaram de país para país e de época para época. Em alguns locais, como na Itália e na Alemanha, a aliança entre fascistas e conservadores terminou com uma vitória, ainda que parcial, dos fascistas. Em outros, os últimos chegaram a compor com o poder, mas em posição subordinada, como na Espanha e em parte da Europa Oriental e da América Latina. Em outros, foram mais ou menos ignorados, como no universo anglo-saxão, e, em países como Chile, Brasil, Portugal e Romênia, houve conflito armado aberto entre eles. Também houve contínuas hibridizações, diálogos e trocas entre eles (Paxton, 1998).

O caso irlandês, dessa forma, não se distancia em demasiado do contexto mais amplo, mas tem particularidades. A maior delas é que fascistas e conservadores estiveram umbilicalmente unidos e mesmo permaneceram, por um período, dentro da mesma estrutura política, o *Fine Gael*. Não foi um caso único (na Colômbia, por exemplo, os fascistas nunca deixaram o Partido Conservador e acabaram sendo reabsorvidos por ele), mas particular. Afinal, os fascistas e os conservadores habitualmente se relacionavam enquanto entidades separadas (muitas vezes, inclusive, com milícias separadas, como na Itália e na Alemanha antes da tomada do poder), enquanto, na Irlanda, ao menos por algum tempo, eles estiveram dentro da mesma estrutura, o que dificulta ainda mais a tarefa de diferenciar uns dos outros.

Outra possível particularidade é que, após a cisão de 1934, os conservadores optaram por se distanciarem do fascismo (ainda muitos membros do *Fine Gael* tenham continuado a manifestar ao menos simpatia por ele nos anos a seguir) e, com o surgimento do *National Corporate Party*, os campos ficaram mais claros, enquanto, em outros países, a dinâmica da aproximação/distanciamento continuou por mais tempo.

A grande questão, obviamente, é explicar a razão pela qual os conservadores, sendo simpáticos ao fascismo, optaram por excluir O'Duffy e o jogaram para o ostracismo. A resposta passa tanto por questões ideológicas como por outras, estruturais e de conjuntura. Em termos conjunturais, é claro que eles avaliaram, em 1933, que a aliança com O'Duffy poderia trazer os resultados eleitorais que eles queriam. Eles não queriam as forças paramilitares de O'Duffy para tomar o poder nas ruas, mas para facilitar a propaganda e a vitória nas urnas. Quando ficou evidente que isso não era verdade e que eles só tinham a perder com essa aliança, ela foi rompida. Além disso, ideologicamente, apesar das imensas proximidades entre conservadores e fascistas, eles não eram equivalentes: simpatia não significa automaticamente igualdade. Os conservadores podiam desejar uma solução autoritária e corporativa para a Irlanda dos anos 1930, mas não a ponto de romper com a ordem constituída e nem instaurar uma ditadura fascista.

Além disso, o fascismo irlandês era fraco demais para ser um ator a ser levado realmente em consideração. Larsen (2001) sugeriu, anos atrás, que o fascismo tinha mais possibilidades de se desenvolver em sociedades pouco modernas e liberais, mas não totalmente arcaicas e autoritárias. A sua teoria não é perfeita, mas, no caso irlandês, talvez tenha valor explicativo. A Irlanda tinha acabado de sair de uma guerra civil, a violência política era algo presente e o sentimento a favor do autoritarismo era disseminado na sociedade, mas era uma democracia liberal e as elites continuavam no comando do Estado. Além disso, era uma sociedade ainda eminentemente rural e dominada pelo catolicismo. Em um meio ainda tão pouco moderno, mas com uma democracia funcionando, o espaço para o fascismo era realmente limitado. Os conservadores só teriam mantido o seu apoio, como em outros locais, se considerassem o fascismo um aliado de peso, o que a própria estrutura social irlandesa tornava pouco provável. De qualquer forma, o que é manifesto é como, sem o apoio conservador, os fascistas não conseguiram, em nenhum lugar, tomar o poder e a Irlanda não foi exceção.

A proposta de tentar compensar uma fraqueza interna pela projeção internacional também não foi específica da Irlanda. Todos os fascismos tiveram, na sua trajetória, de lidar com uma aparente contradição: de um lado, se apresentavam como totalmente nacionais, mas, de outro, se colocavam como representantes de uma “onda mundial” que estava a conquistar o mundo. Mesmo quando as condições locais não favoreciam o seu crescimento político, era possível indicar o contexto mundial para mobilizar a militância e continuar na luta: a “onda do futuro” seria o fascismo e seria apenas questão de tempo para essa onda tomar o poder localmente.

Outra possibilidade era reforçar essa conexão internacional de forma ainda mais direta, ou seja, participando das aventuras militares das potências fascistas. Isso aconteceu especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, quando diversos movimentos e grupos fascistas da Europa enviaram tropas para apoiar a invasão alemã à União Soviética com o objetivo de cair nas graças dos que pareciam vencedores e relançar movimentos e grupos em decadência em seus países (Bertonha, 2022). Mesmo durante a Guerra Civil Espanhola, essa perspectiva esteve presente (Bertonha, 2012), ainda que os resultados obtidos, em geral, não tenham sido os esperados. Aqueles que foram lutar na Espanha ou na URSS com a esperança de liderar, após a volta para casa, movimentos plenamente regenerados, acabaram por se decepcionar, o que indica como o fascismo só podia se desenvolver plenamente quando condições internas o permitiam, especialmente a aliança com os conservadores, e que apenas a identificação externa não era suficiente.

A transição de uma guerra a outra também não foi incomum. O chefe da extrema-direita francesa Charles Trochu, por exemplo, ofereceu uma força de 3 mil franceses para lutar na Etiópia pelo fascismo em 1935 e, em 1936, ajudou a organizar a força de voluntários franceses que foi lutar por Franco na Espanha (Dewaele Valderrábano, 2002, p. 141). Trochu não se voluntariou para as unidades francesas que se organizaram para apoiar os alemães na frente russa entre 1941 e 1945, mas vários dos seus correligionários o fizeram, o que indica uma conexão entre as guerras fascistas similar à de O’Duffy.

A experiência de O’Duffy e do fascismo irlandês não é, dessa forma, especialmente distinta das de outras, mas foi particular o suficiente para chamar a atenção. Sua relação com o conservadorismo irlandês foi mais explícita do que em outros locais e seu esforço de regeneração política através do voluntariado foi mais efetivo, através da criação de uma unidade militar numericamente expressiva, ainda que sua atuação tenha sido decepcionante no campo de batalha. Em outras circunstâncias, o fascismo irlandês poderia ter caminhado para a conquista do Estado, eclipsando os conservadores e eliminando a esquerda, mas isso, obviamente, não aconteceu. O seu fracasso indica, acima de tudo, como o fascismo não surge do nada e como, até os dias de hoje, são as elites que, ao final, decidem se ele vai ou não ter chances de chegar ao poder. As experiências recentes no Brasil e no mundo parecem confirmar isso.

Referências

ARIAS GONZÁLEZ, Luis. Peter Kemp, el "Cruzado" británico. In MORENO CANTANO, Antonio César. **Cruzados de Franco: propaganda y diplomacia en tiempos de guerra (1936-1945)**. Gijón: Trea, 2013, p. 105-133.

BELL, J. Bowyer. Ireland and the Spanish Civil War. **Studia Hibernica**, n. 9, p.137-163, 1969.

BERTONHA, João Fábio. Estrangeiros na Wehrmacht e na Waffen-SS durante a Segunda Guerra Mundial: um “modelo nazista” de voluntariado? . **Esboços**, v. 29, n. 52, p. 731-753, 2022.

BERTONHA, João Fábio. La 'legione straniera' di Mussolini I volontari stranieri nella guerra d'Etiopia 1935-1936. **Italia Contemporanea**, n. 275, p. 331-347, 2014.

BERTONHA, João Fábio. Los latinoamericanos de Franco: la “Legión de la Falange Argentina” y otros voluntários hispanos en el bando sublevado durante la Guerra Civil Española." **Alcores. Revista de Historia Contemporánea**, n. 14, p. 143-167, 2012.

BERTONHA, João Fábio. Paranoie fasciste? Il volontariato in favore dell’Etiopia durante la guerra del 1935-1936. **Diacronie. Studi di Storia Contemporanea**, v. 14, n. 2, p. 1-14, 2013.

BEW, Paul; HAZELKORN, Ellen Hazelkorn; PATTERSON, Henry Patterson. **The dynamics of Irish politics**. London: Lawrence and Wishart, 1989.

BIBBÒ, Antonio. **Irish Literature in Italy in the Era of the World Wars**. London: Palgrave Macmillan Cham, 2021.

BRODERICK, Eugene. **Intellectuals and the ideological hijacking of Fine Gael, 1932-1938**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010.

CARTER, Caroline J. **The Shamrock and the Swastika: German Espionage in Ireland in World War II**. Palo Alto (CA): Pacific Books Publishers, 1977.

CASTELLS, Andreu. **Las Brigadas Internacionales de la Guerra de España**. Barcelona: Ariel, 1974.

CRONIN, Mike. Blueshirts, Sports and Socials. **History Ireland**, v. 3, n. 2, 1994.

CRONIN, Mike. Catholicising Fascism, Fascistising Catholicism? The Blueshirts and the Jesuits in 1930s Ireland. **Totalitarian Movements and Political Religions**, v. 8, n. 2, p. 401-411, 2007.

CRONIN, Mike. **The Blueshirts and Irish politics**. Portland: Four Courts Press, 1997.

CULLINGFORD, Elizabeth. **Yeats, Ireland and fascism**. London: MacMillan, 1981.

CUZZI, Marco. **L'internazionale delle camicie nere: i CAUR, Comitati d'azione per l'università di Roma (1933-1939)**. Milano: Mursia, 2005.

DEWAELE VALDERRÁBANO, Hélène. La extrema derecha francesa en España: mitos y realidades de la Bandera Jeanne d'Arc (1936-1939). **Historia y política: ideas, procesos y movimientos sociales**, n. 8, p. 273-202, 2002.

DONNELLY, Seán. Michael Tierney and the intellectual origins of Blueshirtism, 1920–1938. **Fascism**, v. 10, n. 1, p. 85-107, 2021.

DOUGLAS, R. M. The Swastika and the Shamrock: British Fascism and the Irish question, 1918–1940. **Albion**, v. 29, n. 1, p. :57-75, 1997.

DOUGLAS, R.M. **Architects of the Resurrection: Ailtirí na hAiséirghe and the fascist "new order" in Ireland**. Manchester: Manchester University Press, 2009.

DUGGAN, John P. **Neutral Ireland and the Third Reich**. Dublin: Gill & Macmillan, 1985.

FISK, Robert. **In time of war: Ireland, Uster and the price of neutrality, 1939-45.** Dublin: Gill & Macmillan, 1983.

GARVIN, Tom. **1922: the birth of Irish democracy.** Dublin: Gill & Macmillan, 1996.

KEENE, Judith. **Fighting for Franco: international volunteers in Nationalist Spain during the Spanish Civil War.** London and New York: Leicester University Press, 2001.

KEMP, Peter. **Legionario en España.** Barcelona: Luís de Caralt, 1959

KEOGH, Dermot. **Ireland and Europe, 1919-1948.** Dublin: Rowman & Littlefield Publishers, 1988.

LARSEN, Stein Ugelvik. Was there fascism outside Europe? Diffusion from Europe and domestic impulse. In LARSEN, Stein Ugelvik. **Fascism outside Europe: the European impulse against domestic conditions in the diffusion of global fascism.** New York: Columbia University Press, 2001, p. 705-818.

LEE, J. J. **Ireland 1912-1985: politics and society.** Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

LOCHLAINN, Aoife Nf. Ailtirí na hAiséirghe: a party of its time. In KEOGH, Dermot; O'DRISCOLL, Mervyn. **Ireland in World War Two: neutrality and survival.** Dublin: Mercier Press, 2004, p. 187-210.

LONGHLIN, James. Northern Ireland and British fascism in the inter-war years. **Irish Historical Studies**, v. 29, n. 116, p. 537-552, 1995.

MANNING, Maurice. **The Blueshirts.** Dublin: Gill & Mcmillian, 2006.

MARTÍNEZ VILLEGAS, Austreberto. La Unión Nacional Sinarquista de México y los movimientos encabezados por Eoin O'Duffy en Irlanda: analisis comparativo de la influencia del fascismo en dos países de tradición catòlica. In BERTONHA, João Fábio; SAVARINO, Franco. **El fascismo em Brasil y América Latina: ecos europeos y desarrollos autóctonos.** México (DF): Instituto Nacional de Antropología e Historia, 20134, p. 141-171.

MCGARRY, Fearghal. **Eoin O'Duffy: a self-made hero.** Oxford and New York: Oxford University Press, 2005.

MCGARRY, Fearghal. **Frank Ryan.** Dublin: University College Dublin Press, 2010.

MCGARRY, Fearghal. Ireland and the Spanish Civil War. **History Ireland**, v. 9, n. 3, p. 35-40, 2001.

MCGARRY, Fearghal. **Irish Politics and the Spanish Civil War**. Cork: Cork University Press, 1999.

MCLOUGHLIN, Barry; O'CONNOR, Emmet. **In Spanish trenches: the minds and deeds of the Irish who fought for the Republic in the Spanish Civil War**. Dublin: University College Dublin Press 2020,.

MCMAHON, Cian. Eoin O'Duffy's Blueshirts and the Abyssinian crisis. **History Ireland**, v. 10, n. 2, p. 36-39, 2002.

MCMAHON, Cian. Irish Free State newspapers and the Abyssinian crisis, 1935-1936. **Irish Historical Studies**, v. 36, n. 143, p. 368-388, 2009.

NEWSINGER, John. Blackshirts, Blueshirts and the Spanish Civil War. **Historical Journal**, v. 44, n. 3, p. 825-844, 2001.

O'DRISCOLL, Mervyn; KEOGH, Dermot. Ireland's military engagement in Spain and Hispano-Irish military cooperation in the twentieth and twenty first centuries. In O'DONNELL, Hugo. **Presencia irlandesa en la Milicia Española: the Irish presence in the Spanish military: 16th to 20th Centuries**. Madrid: Ministerio de Defensa, 2013, p. 135-193.

O'DUFFY, Eoin. **An outline of the political, social and economic policy of Fine Gael (United Ireland)**. Dublin: Fine Gael, 1934b.

O'DUFFY, Eoin. **Crusade in Spain**: R. Hale, Limited, 1938.

O'DUFFY, Eoin. **The labour policy of Fine Gael**. Dublin: Fine Gael, 1934a.

O'DUFFY, Eoin. **Why I resigned from Fine Gael** Dublin: League of Youth, 1934c.

OTHEN, Christopher. **Las brigadas internacionales de Franco**. Madrid: Destino, 2007.

PAXTON, Robert. The five stages of fascism. **The Journal of Modern History**, v. 70, n. 1, p. 1-23, 1998.

PHELAN, Mark. **Irish responses to Fascist Italy, 1919-1932**. Ph. D. Thesis, Department of History, National University of Ireland, Galway, 2012.

PINTO, António Costa; KALLIS, Aristotle A. **Rethinking fascism and dictatorship in Europe**. London: Palgrave Macmillan, 2014.

STRADLING, Robert. Franco's Irish volunteers. **History Today**, v. 45, n. 3, p. 40-47, 1995.

STRADLING, Robert. **The Irish and the Spanish Civil War, 1936-1939**. Manchester: Manchester University Press, 1999.

TOGORES, Luís E. 2016. **Historia de la Legión Española: la infantería Legendaria, de África a Afganistán.** Madrid: La Esfera de los Libros, 2016.

WHELAN, Barry. **Ireland's revolutionary diplomat: a biography of Leopold Kerney.** Notre Dame: Notre Dame University Press, 2019.

WHITE, Martin. **The Greenshirts: fascism in the Irish Free State 1935-1945.** Ph. D. Thesis, History Department, University of London, London, 2004.

Recibido em: 2 de agosto de 2023

Aceito em: 23 de outubro de 2023